



OLIME

DE MARTA LANÇA E MARINHO DE PINA





SINOPSE

Olime acompanha Maria Isabel, mãe solteira filha de imigrantes, trabalhadora precária da noite e aspirante a cantora, cuja vida é virada do avesso após uma denúncia à CPCJ que desencadeia um processo de vigilância conduzido por um assistente social empático e engajado. Durante a "avaliação inicial" testemunhamos a dificuldade em conjugar os seus sonhos de ser uma cantora com uma maternidade sob suspeita, entre a burocracia e o racismo estrutural português, põe-se em causa a ideia de proteção num Estado que abandona os mais vulneráveis.

.



JUSTIFICATIVA

OLIME — expressão cabo-verdiana para "estou aqui"

OLIME parte de uma situação reconhecível: uma mãe convocada a uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. É trabalhadora da restauração, cantora à noite, tem um filho de quatro anos, quando se vê confrontada com um procedimento “de rotina” que rapidamente se transforma num exame minucioso à sua vida. A cada pergunta repetida, a cada dado confirmado, instala-se a sensação de que proteger significa vigiar e que as boas intenções estão cheias de armadilhas. Ao longo de sucessivas entrevistas, o espetáculo expõe o atrito entre linguagem institucional e a experiência, a vida concreta. O técnico responsável pelo processo obedece ao protocolo, interroga, regista, e avalia os riscos. Do outro lado responde-se, hesita-se, defende-se, acusa-se, não se sabe bem a quem acusar - o Estado? Os outros? Um conjunto de critérios associam precariedade a perigo: casa pequena e dificuldade em pagar renda, salário mínimo, ausência de contrato formal, trabalho noturno, rede de apoio informal: factos que, isolados, são banais, mas juntos tornam-se suspeita, e uma mãe, pobre e do bairro, que também quer ser artista, tem a vida sob suspeita.

OLIME constrói um dispositivo cénico depurado, onde a repetição burocrática ganha peso dramático. A frieza do registo oficial contrasta com momentos de exposição íntima e ruptura poética. O espetáculo alterna entre o realismo das entrevistas e interlúdios que abrem o discurso para dimensões mais amplas: identidade, memória colonial, violência policial, documentação e cidadania, pertença a um Cabo Verde imaginado, a família e as redes que se deslaçam.

O funcionário é incapaz de desligar a máquina absurda da burocracia e vigilância, e a mãe, por sua vez, move-se num contexto onde qualquer falha pode ser lida como prova de incapacidade. Entre protocolo e sobrevivência, instala-se uma pergunta central: é possível medir o amor? E que instrumentos utiliza o Estado para distinguir risco social de desigualdade estrutural?

Produção do coletivo Saaraci, que mantém viva, em Portugal, uma ligação artística e cultural a Cabo Verde. Essa presença manifesta-se na sonoridade, na língua, na memória e no modo como a peça convoca a história partilhada entre Portugal e a colonialidade. O passado não é cenário distante: infiltra-se nas instituições, nos discursos, nas expectativas e nas formas de classificação social. Ao colocar frente a frente uma mãe precarizada e um técnico do Estado, o espetáculo evita simplificações. OLIME propõe uma reflexão urgente sobre justiça social, responsabilidade institucional e democracia. Questiona a fronteira entre cuidado e controlo, entre proteção e punição. Recorda que, em contextos de vulnerabilidade económica e racialização, a parentalidade, sobretudo as mães pobres e radicalizadas, é frequentemente sujeita a um escrutínio acrescido.

Mais do que retratar um caso específico, o espetáculo convoca o público a reconhecer as estruturas invisíveis que moldam decisões e narrativas. Entre a morna e o relatório, entre o palco e a repartição, OLIME afirma o teatro como espaço de escuta, confronto e pensamento crítico. Uma criação que cruza teatro, música e intervenção cívica, afirmando a dignidade como direito e não como exceção.

EQUIPA ARTÍSTICA

Direção Artística e Espaço Cénico **João Branco**

Interpretação **Eliana Rosa, João Branco, Mynda Guevara**

Dramaturgia **Marta Lança, Marinho Pina**

Desenho de Luz **Pedro Fonseca**

Figurinos **Simone Rodrigues**

Fotografia de Cena **Queila Fernandes**

Fotografia de Promoção **Machine**

Temas originais **Mynda Guevara e Eliana Rosa**

Comunicação e Produção Executiva **Janaina Alves**

Agradecimento Especial **Basil da Cunha, Machine, Telma Tvon e Vânia da Luz**

Produção **Saaraci Coletivo Teatral**

Residência Artística **Teatro Viriato**

Parcerias **BUALA Associação Caboverdiana de Lisboa · Associação de Intervenção Comunitária, Desenvolvimento Social e de Saúde · Associação Moinho da Juventude · Sporting Clube da Reboleira e Damaia · RDP África**

Duração 1h10 minutos

Classificação etária M14

Apoio à Criação **República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / Direção-Geral das Artes**



Equipa Artística

João Branco

(Portugal/Cabo Verde)

João Branco é um nome incontornável do teatro lusófono, premiado internacionalmente pelo seu percurso enquanto dinamizador e investigador das artes cénicas no espaço global e, especificamente, no mundo de língua portuguesa.

Mestre em Artes Cénicas e Doutor em Comunicação, Cultura e Artes. Autor da obra “Nação Teatro: História do Teatro em Cabo Verde”, considerada o mais aprofundado estudo relacionado com o teatro naquele país. Tendo dirigido mais de 70 produções teatrais enquanto encenador, também tem participado como ator em produções cénicas, filmes e televisão. É fundador e diretor artístico desde a sua fundação do Festival Internacional de Teatro do Mindelo Mindelact, o mais importante evento de artes performativas da África Continental. Foi duplamente condecorado, pela Presidência da República de Cabo Verde (com a 1a Classe da Ordem do Vulcão) e pela Presidência da República de Portugal (Comenda de Mérito). Em ambos os casos, as razões apontadas foram a sua importância na dinamização cultural e teatral no espaço lusófono e no incremento do diálogo entre estes países.



Equipa Artística

Eliana Rosa

(Cabo Verde)

Nascida em 2000, na ilha de Santo Antão, Cabo Verde, Eliana Rosa encontrou cedo sua paixão pela música e pelo teatro. Cresceu em Santiago, e aos 16 anos, mudou-se para São Vicente, ingressando no Grupo Coral do Liceu Jorge Barbosa e mergulhando no universo teatral. Destacou-se em produções como “Mamamia” (direção Nick Fortes), “Romeu ma Julieta. Uma Tragédia Crioula” (direção de Fabiano Moniz) , Crónicas de Mindelo e SonhaDor (direção de João Branco). Paralelamente, consolidava-se como cantora e, em 2017, venceu o concurso Todo Mundo Canta Nacional, impulsionando sua carreira musical. Em 2019, mudou-se para Lisboa, onde aprofundou seus estudos na escolade teatro In Impetus e integrou o grupo Acácia Maior. Foi escolhida para protagonizar Manga d’Terra, filme musical de Basil da Cunha, premiado internacionalmente. A sua trajetória musical ganhou força em 2024 com o lançamento do single Morabeza em Pessoa, seguido por Um Sol e o EP Mornabeza. Em 2025, foi selecionada para o Festival AME, solidificando sua presença no cenário musical cabo-verdiano.

Com um estilo que combina tradição e modernidade, Eliana Rosa afirma-se como uma artista multifacetada, levando as cores e os sons de Cabo Verde ao mundo, através do batuque, funaná, coladeira e morna, mantendo-se fiel às suas raízes.



Equipa Artística

Marta Lança

(Portugal)

Marta Lança (Lisboa, 1976) é jornalista, investigadora, programadora e editora - fazendo regularmente projetos nos PALOP. Doutoranda em Estudos Artísticos (com bolsa da FCT). Os temas de pesquisa passam pelo debate pós-colonial, programação cultural, processos de memorialização, plataformas de discurso, produção de conhecimento em plataformas colaborativas e estudos africanos. Desde 2010, é editora do site BUALA. Escreve para publicações em Portugal, Angola e Brasil. Traduziu do francês livros de Maxence Ferminé, Jacques-Pierre Amettea, Asger Jorn e Achille Mbembe.

No teatro, trabalhou em produção e consultoria dramática em *Ensaio Dirigido a...* (Festival Todos, 2024) e coescreveu *Limbo* (Teatro do Bairro Alto, 2021), vencedor do Prémio Autores 2022 da SPA para Melhor Texto Português Representado e Melhor Espetáculo. Escreveu e representou *Superintensiva* (Teatro São Luiz, 2020) e a peça *O Próximo* (2004). Colaborou em performances com Alberto Pimenta (1999-2002) e integrou o Teatro NÃO (1998-2000).

Com forte ligação a projetos culturais em Cabo Verde, Angola, Moçambique, Brasil, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, Marta Lança tem um percurso multifacetado, cruzando dramaturgia, literatura e investigação artística.



Equipa Artística

Marinho Pina

(Guiné-Bissau)

Marinho Pina, do chão de Sonaco, é contador de histórias e um artista transdisciplinar que recorre a vários formatos: performa, dança, escreve, toca, canta, poeta, arquitetura, desenha, dorme, etecetera, mesmo aos fins de semanas e feriados. Foi trolha e calceteiro, agora donquixoteia-se por aí e por ali contra moinhos decoloniais, descoloniais, neocoloniais, anticoloniais, contra-colônias, retro-coloniais, qualquer-coisa-colonial, e não achou melhor lugar para isso do que a academia (não o ginásio, pelamordideus). Está inflexivelmente certo de que gosta mais de dúvidas do que de certezas inflexíveis. É arquiteto e investigador no Dinâmia'cet-ISCTE, presentemente a fazer um doutoramento sobre Espaços Sagrados em Bissau.

Tem livros publicados e trabalho editado como tradutor de livros para a infância na editora Falas Afrikanas, e tradutor de poesias na 8ª edição do Jornal Coreia. Dinamiza várias atividades culturais em Bissau, Sintra e Lisboa. Tem-se apresentado em vários espaços, destacando a Casa da Cultura do Mundo, HKW (Berlim), Savvy Contemporary, Arsenal (Berlim), MoMA (Nova Iorque), Centre Pompidou (Paris), Hangar (Lisboa), Escola de Artes da Universidade Católica do Porto (Porto), Bienal de Lubumbashi (Congo), Universidade Federal de Pará, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Universidade Federal do Oeste de Pará (Brasil), entre outros.



Equipa Artística

Mynda Guevara

(Portugal/Cabo Verde)

Mynda Guevara (Amadora, 1997) é uma rapper portuguesa que canta sobre ser mulher negra no rap, meio artístico dominado por homens. É uma das poucas mulheres de origem africana a participar nos grandes festivais de verão em Portugal. Mynda Guevara é o seu nome artístico. A rapper diz ter se inspirado em Che Guevara para criar sua identidade como revolucionária.

Filha de cabo-verdianos nasceu e cresceu na Cova da Moura, bairro da Amadora, Lisboa.

Guevara é formada em Marketing e Comunicação, mas a sua carreira tem passado sobretudo pelo rap. Começa por cantar refrões de outros artistas e só depois cria a sua própria música enquanto rapper em língua crioula. As suas influências advêm do hip hop e do rap interventivo e de nomes como Xullaji, Valete, Beto Di Guetto e Halloween. O seu primeiro trabalho foi gravado no Kova M Studio, no bairro da Cova da Moura.

Guevara esteve presente no encontro RAPensando as Ciências Sociais e a Política, em Coimbra, em 2017, para falar sobre os desafios de ser mulher no circuito do rap e é uma das personagens retratadas no documentário Mulheres do meu País, da realizadora portuguesa Raquel Freire.





A Associação Cultural Saaraci representa um inovador projeto de artes performativas e tem na sua matriz uma identidade multicultural composta por elementos de vários países de língua oficial portuguesa, como Portugal, Brasil e Cabo Verde. Com sede no Porto, a Saaraci tem apresentado com as suas criações um estilo diferenciado, envolvendo vários géneros e disciplinas, com criações para todos os públicos, rompendo barreiras disciplinares, metodológicas e temáticas.

O coletivo teatral propõe-se ser, a partir das suas criações teatrais contemporâneas, um pólo de liberdade, criatividade, contaminação e experiência. Constituído no seu núcleo por artistas com currículos vastos e reconhecidos internacionalmente, a Saaraci Coletivo Teatral tenta deixar a sua marca, com uma energia renovada, e vários teatros num palco só.

FOTOGRAFIA DE CENA

Fotografias de Queila Fernandes



CONDIÇÕES PARA APRESENTAÇÃO

CACHET 01 APRESENTAÇÃO * **2.000 €**

CACHET 01 APRESENTAÇÃO SISTEMA "CHAVE NA MÃO" **2.500 €**

CACHET 02 APRESENTAÇÕES * **3.000 €**

** Despesas de alojamento e alimentação a cargo da entidade contratante.
Logística de transportes da equipa e cenário da responsabilidade da companhia.*

LOGÍSTICA

Nº de pessoas envolvidas: 6 + 1 BEBÊ

ALIMENTAÇÃO

Nº de pessoas para refeições: 6

ALOJAMENTO - DIVISÃO DE QUARTOS

Alojamento: 2 casal (+ berço) | 2 Single





Saaraci Coletivo Teatral

www.saaraci.org

saaracicoletivoteatral@gmail.com

™ 927 764 031

